

A ASCENSÃO DOS ORYX: O FUTEBOL COMO FERRAMENTA DE POLÍTICA EXTERNA DO CATAR E A COPA DO MUNDO DE 2022

*Nemésio Xavier de França Neto¹
Andrew Patrick Traumann²*

Resumo: O deposto emir do Catar, Hamad bin Khalifa al-Thani, estampava o The Guardian no dia 10 de dezembro de 2010, segurando a taça da Copa do Mundo simbolicamente depois do seu país ser escolhido - polemicamente - para sediar a Copa do Mundo em 2022. A escolha do Catar para sediar do maior torneio de futebol do mundo, expõe a estratégia geopolítica do País. De tal forma, o presente trabalho tem por objetivo identificar e analisar o papel que o futebol exerce como política internacional do Catar. A técnica de pesquisa adotada é a qualitativa, com utilização de revisões literárias, livros, artigos acadêmicos de autores da temática e, devido à atualidade, reportagens jornalísticas. Outrossim, o artigo foca nas seguintes problematizações: Por que o Catar investe tanto no sucesso esportivo? Qual é a intenção da família Al Thani? Primeiramente, expor-se-á uma análise histórica, geopolítica e de Relações Internacionais do Catar, observando suas relações com outros países do Golfo Pérsico. Em segundo lugar, desenvolver-se-á uma análise teórica que se baseia nos conceitos de “*soft power*” das Relações Internacionais. E por fim, exploraremos especificamente o Catar, cujo uso do futebol se dá como ferramenta de Política Externa e toda a sua conjuntura estratégica utilizada tangendo nas problemáticas que englobam a Copa do Mundo de 2022.

Palavras-chave: Futebol, Catar, Copa do Mundo

Abstract: Qatar's deposed emir, Hamad bin Khalifa al-Thani, told The Guardian on December 10, 2010, holding the World Cup cup symbolically after his country was chosen - controversially - to host the World Cup in 2022. Qatar's choice to host the world's largest football tournament exposes the country's geopolitical strategy. In this way, the present work aims to identify and analyze the role that football plays as qatar's international policy. The research technique adopted is qualitative, using literary reviews, books, academic articles by authors of the theme and, due to the current, journalistic reports. Moreover, the article focuses on the following questions: Why does Qatar invest so much in sports success? What is the intention of the Al Thani family? First, a historical, geopolitical and international relation analysis of Qatar will be exposed, observing its relations with other Persian Gulf countries. Secondly, a theoretical analysis will be developed that is based on the concepts of "soft power" of International Relations and football as a tool of International Politics. Finally, we will specifically explore Qatar, whose use of football is a foreign policy tool and all its strategic conjuncture used in the problems that encompass the 2022 World Cup.

Key-words: Football, Qatar, World Cup

¹ Pós-graduado em História Contemporânea e Relações Internacionais pela PUC-PR e bacharel em Relações Internacionais (2017) pelo Centro Universitário Curitiba (UNICURITIBA) - E-mail: nemesioneto@yahoo.com

² Orientador, Professor Doutor do curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Curitiba (UNICURITIBA), Curitiba, Paraná, Brasil – Lattes <http://lattes.cnpq.br/6477397342345389>. Email: andrewtraumann@hotmail.com

Artigo recebido em: 02/07/2021
Artigo aprovado em: 20/08/2021

Introdução

Em 2010, a Fèdèration Internationale de Football Association (FIFA) surpreendeu o mundo ao conceder ao Catar, a oportunidade de sediar a Copa do Mundo de 2022. As enormes reservas de petróleo e gás do Catar o levaram, em poucas décadas, ao status de um dos países mais ricos *per capita* do planeta. (DORSEY, 2015). A família real Al Thani usou seu poderio para expandir sua influência geopolítica e se tornar um importante ator no Oriente Médio, projetando um poder que desmente seu tamanho. Sediar a Copa do Mundo de 2022, é uma extensão dessa influência geopolítica. Por milênios, o esporte foi usado pelos estados para “mostrar” sua superioridade em relação aos rivais e, a partir do século 20, isso passou a incluir eventos esportivos, especialmente as Olimpíadas e a Copa do Mundo da FIFA. Receber um desses espetáculos esportivos traz imenso reconhecimento e prestígio internacional e nacional, além de proporcionar oportunidades econômicas, políticas, comunitárias e diplomáticas (BRANNAGAN e GIULIANOTTI, 2014).

O esporte e em específico o futebol, de maneira geral, é um elemento e uma ferramenta para exaltação, articulação ou exposição de ideologias, simbologias ou até mesmo de uma identidade de um bairro, uma etnia, uma religião de um clube ou um País. E com isto, o esporte pode ser utilizado como um recurso de política externa, constituindo-se em um espaço interessante onde as Relações Internacionais têm lugar, pois há uma vasta gama de possibilidades e contextos que se pode explorar através do esporte na política mundial (PIZARRO, 2017). Na tangente da política externa, além de permitir ao anfitrião projetar determinada imagem ou transmitir certas mensagens e gerar seu *soft power*³, “o esporte e o

³ Tratando-se de transcorrer teorias tão complexas e tão importantes para as Relações Internacionais contemporâneas, cabe aqui a ressalva da possibilidade de adotar uma tangente “simplista” durante a discussão deste artigo e nesta parte de introdução, justificando que tais propostas e métodos, como eixos norteadores do trabalho, estarão limitados devido ao número de laudas de serem trabalhadas. O conceito de *soft power* será apresentado na discussão do artigo.

soft power andam juntos” (PIZARRO, 2017, p. 2) e com isso, o esporte e o futebol mais especificamente “oferece uma arena para os países competirem entre si em uma “corrida armamentista esportiva global” para ganhar prestígio internacional por outros meios que não o poder militar e econômico” (REICHE, 2014, p. 490, tradução nossa).⁴

De tal forma, o presente trabalho tem por objetivo identificar e analisar o papel que o futebol exerce como política internacional do Catar. A técnica de pesquisa adotada é a qualitativa, com utilização de revisões literárias, livros, artigos acadêmicos de autores da temática e, devido à atualidade, reportagens jornalísticas. Outrossim, o artigo foca nas seguintes problematizações: Por que o Catar investe tanto no sucesso esportivo? Qual é a intenção da família Al Thani?

Conforme interposto por James Dorsey (2015), o Catar tem procurado violar o *status quo* do Golfo. Tal como em 2017, o Conselho de Cooperação do Golfo (Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Bahrein juntos com o Egito) interpuseram uma sanção ao Catar, em uma tentativa de frear a sua ascensão geopolítica junto com o fato do Catar manter suas diplomáticas e comerciais com o Irã, que sempre foi seu parceiro no comércio de petróleo e gás. O Irã é o maior inimigo da Arábia Saudita e do Conselho de Cooperação do Golfo. Outro ponto que corroborou com a sanção, é a boa relação do Catar com a Irmandade Muçulmana, com o Hamas e a questão da Líbia, onde o Catar e a Turquia apoiam o governo de Trípoli, enquanto os outros países apoiam o governo de Tobruque. Devido à esta aproximação com a Irmandade Muçulmana e o Irã, o Catar agora está sendo punido sob o pretexto de apoiar o “terrorismo” (ULRICHSEN, 2017). Esta adoção pelo Catar de uma “política externa e pragmática” (WEINBERG, 2017), cujos objetivos incomodaram o restante de seus vizinhos e principalmente, o Conselho de Cooperação do Golfo, além de uma busca por um resultado de uma batalha pela obtenção de órbitas de influência entre em todo o mundo árabe, disputada com os sauditas, os emiradenses e os catarianos.

⁴ “Sport offers an arena for countries to compete with each other in a ‘global sporting arms race’ (...) to gain international prestige by means other than military and economic power (REICHE, 2014, p. 490).

A família Al Thani visa mudar o lugar do Catar dentro do jogo de xadrez do Oriente Médio, de tirar esta visão de apenas um pequeno estado na sombra da Arábia Saudita. E neste contexto, o Catar adotou esta postura, justamente por ser “incapaz de projetar poder nas formas tradicionais por meio do “poder duro” coercitivo, o Catar, em vez disso, procurou influenciar a política e espalhar sua influência de maneiras mais sutis” (WEINBERG, 2017, p. 2, tradução nossa).⁵ Além da utilização da sua capacidade econômica como um dos maiores produtores de petróleo do mundo e maior produtor de produtos naturais liquefeito, a partir dos anos 90, a família al-Thani iniciou um grande projeto de investimento em tecnologia, em sistemas de satélites e de internet, fora um grande desenvolvimento do turismo, na criação dos canais beIN e Al Jazeera e no investimento em uma grande empresa aérea com o nome do país, a Qatar Airways. A beIN Sports, emissora que transmite os jogos das maiores competições de futebol no Oriente Médio e no Norte da África, tem os direitos de diversas competições da FIFA e da própria Copa do Mundo. O Al Jazeera é a principal rede de televisão no mundo árabe e é vista como uma “pedra no sapato” de muitos governos, justamente por criticar a maioria desses regimes e governos do Mundo Árabe (LYNCH, 2017).

Posto isto, pode-se analisar que o futebol está enraizado na estratégia geopolítica e de Política Internacional do Catar, sendo parte integrante da ação diplomática do país relacionado à estratégia de projeção regional e para driblar as sanções impostas pelos Países do Golfo. E o projeto da inserção do Catar neste contexto, já dura algumas décadas. Desde sediar os Jogos Asiáticos de 2006, sediar o Campeonato Mundial de Atletismo de 2019, a Copa do Mundo de 2022 e confirmar interesse em sediar Jogos Olímpicos e Paralímpicos em 2032, há a aquisição de clubes de destaque (BRANNAGAN e GIULIANOTTI, 2014). Outra tática utilizada é a importação e naturalização de atletas estrangeiros. Muitos brasileiros passaram pelo Mundo Árabe e no Catar especificamente, podemos citar o histórico goleiro e técnico Emerson Leão no Al-Sadd. O Catar visa que sua abordagem onipresente em todos os

⁵ “Unable to project power in traditional ways through coercive “hard power,” Qatar has instead sought to influence policy and spread its influence in more subtle ways” (WEINBERG, 2017, p. 2).

aspectos nos esportes, ganhe empatia na comunidade internacional pela maioria do público que aprecie os esportes e o futebol.

Primeiramente, expor-se-á uma análise histórica, geopolítica e de Relações Internacionais do Catar, observando suas relações com outros países do Golfo Pérsico. Em segundo lugar, desenvolver-se-á uma análise teórica que se baseia nos conceitos de “soft power” das Relações Internacionais e o futebol como ferramenta de Política Internacional. E por fim, exploraremos especificamente o Catar, cujo uso do futebol se dá como ferramenta de Política Externa e toda a sua conjuntura estratégica utilizada tangendo nas problemáticas que englobam a Copa do Mundo de 2022. Para o Catar, sediar a Copa do Mundo é um símbolo de prestígio e um desejo de mostrar sua ascensão como um importante *player* no Oriente Médio, projetando influência, poder e melhorar sua autoimagem.

Um dos fatos mais conhecidos, é a Oryx Qatar Sports Investment que comprou o Paris Saint-Germain e realizou a contratação do Neymar, uma das mais caras da história do futebol. A Qatar Airways, uma das maiores companhias aéreas do mundo, patrocinou por anos o Futbol Club Barcelona e o próprio Paris Saint-Germain. Atualmente patrocina o Boca Juniors da Argentina, a A. S. Roma e a própria FIFA. A Copa do Mundo de 2022 é outra cartada importante. O país chama a atenção da mídia pelos investimentos enormes em estruturas. A escolha do Catar como sede da Copa do Mundo, levantou diversas acusações de compra de votos e trocas de favores com dirigentes da FIFA, em que muitos caíram por denúncias de corrupção. Fora as outras acusações graves de trabalho escravo no país e suscitaram denúncias de organizações de direitos humanos, como a Anistia Internacional que relatou a utilização de trabalhadores indianos e nepaleses na construção dos estádios em condições escravocratas e as problemáticas envolvendo a recepção da comunidade LGBTQi+ e o consumo de álcool no país, durante os eventos esportivos. (DORSEY, 2015).

1. O jogo de xadrez no Oriente Médio

O Catar é um estado árabe soberano, que ganhou independência total do Reino Unido em 1971. Uma monarquia absoluta, governada pela família Al-Thani desde meados do século XIX (BRANNAGAN e GIULIANOTTI, 2015). É nos anos 90 que o Catar surge como um *player* no Oriente Médio contra a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos. Segundo Stephens (2017), o Emir, Hamad Bin Khalifa al-Thani, e seu primo, o primeiro-ministro Hamad Bin Jassim al-Thani foram os operadores dessa projeção no cenário internacional e que durante 20 anos, eles construíram a “Marca Catar” formando uma gama de alianças transversais em toda a região, que se estende da Mauritânia ao Afeganistão.

Ao lado das cidades-estados vizinhas de Abu Dhabi e Dubai, a riqueza excepcional permitiu ao Catar alcançar níveis muito maiores de integração global do que a maioria dos países do Oriente Médio, um processo que começou em 1995 quando o emir anterior, Shaykh Hamad bin Khalifa al-Thani. (...) Por sua vez, o plano estratégico de longo prazo do Qatar - o ‘2030 - Visão Nacional’ - veio para estabelecer o compromisso nacional para aumentar a competitividade e atrair investimentos [que] serão necessários em uma economia internacional dinâmica e cada vez mais sem fronteiras. A integração global resultante do Catar foi liderada socialmente, por investimentos em educação e saúde; politicamente, tornando-se um centro de diálogo internacional e construção da paz; nas comunicações globais, por meio da disseminação global da rede de mídia baseada em Doha, Al Jazeera; e, em particular, financeiramente, por meio da estatal ‘Qatar Investment Authority’, que adquiriu participações importantes em prestigiosas corporações globais, como o Barclays Bank, Credit Suisse e Harrods. (BRANNAGAN e GIULIANOTTI, 2015, p. 707, tradução nossa).⁶

Esta tentativa da família Al Thani fugir do arquétipo associada à Arábia Saudita, como por exemplo, de se apresentarem na ONU usando terno e não os tradicionais trajes árabes,

⁶ “Alongside the neighbouring city-states of Abu Dhabi and Dubai, exceptional wealth has enabled Qatar to realise far greater levels of global integration than most Middle Eastern countries, a process that began in 1995 when the previous Emir, Shaykh Hamad bin Khalifa al-Thani. In turn, Qatar’s long-term strategic plan – the ‘2030 National Vision’ – came to set out the national commitment ‘to enhance competitiveness and attract investment [that] will be needed in a dynamic and increasingly borderless international economy’. The resulting global integration of Qatar has been led socially, by investment in education and healthcare; politically, via becoming a centre for international dialogue and peace-building; in global communications, through the global spread of the Doha-based media network, Al Jazeera; and in particular, financially, through the state-run ‘Qatar Investment Authority’, which has acquired major stakes in prestigious global corporations such as Barclays Bank, Credit Suisse and Harrods”. (BRANNAGAN e GIULIANOTTI, 2015, p. 707).

como o *kandoora* e o *igal*. Os Al Thanis buscaram investir no turismo, desde ir andar de camelo até praticar falcoaria para melhorar a imagem do país. Eles tentam fugir do arquétipo quando se pensa na Arábia Saudita (DORSEY, 2015). Posto isto, por que a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos começaram o boicote ao Catar, que agitou a política regional nas últimas décadas?

O primeiro grande impasse com o Catar, seriam suas boas relações com a Irmandade Muçulmana. A organização tem uma longa e influente história no Golfo Árabe. Fundada por Hassan al-Banna, o grupo aprofundou sua presença nas décadas de 1950 e 1960, quando a repressão às organizações da Irmandade Muçulmana no Egito e na Síria, como o episódio conhecido como o Massacre de Hama. Isto forçou a Irmandade ativistas a buscar refúgio no Golfo (DIWAN, 2017). A Arábia Saudita tem laços históricos com a Irmandade, mas recentemente se distanciou dela e vê o Islã político eleitoral populista como uma ameaça doméstica, justamente pela Irmandade Muçulmana questionar a legitimidade dos governos monarquistas do Golfo. Erdogan, atual presidente da Turquia, possui ligações e laços muito fortes com a Irmandade Muçulmana, e isto faz com que a Turquia se junte com o Catar:

O Catar apostou na ascensão da Irmandade Muçulmana em todo o mundo árabe muito antes da Primavera Árabe, fornecendo apoio aos grupos da Irmandade na região; refúgio seguro para exilados da Fraternidade como o pregador egípcio Yusuf al-Qaradawi e o líder do Hamas Khaled Mashal; e uma plataforma para visões islâmicas sunitas populistas e eleitorais nos canais regionais de satélite da rede Al Jazeera (GAUSE III, 2017, p. 10, tradução nossa).⁷

Os Emirados Árabes Unidos, embora aliados da Arábia Saudita, representam uma terceira tendência do Islã. A eles junta-se o Egito, que já foi o centro da política árabe, mas agora, devido aos seus problemas econômicos e políticos internos, é mais um seguidor do que um líder. Mohamed Morsi foi eleito democraticamente pelo povo egípcio após a queda de Mubarak pela Primavera Árabe, era membro da Irmandade Muçulmana, que foi criminalizada pelo Egito. Enquanto o Catar apoiava a Irmandade Muçulmana, a Arábia

⁷ “Qatar bet on the rise of the Muslim Brotherhood throughout the Arab world long before the Arab Spring, providing support for Brotherhood groups in the region; safe haven for Brotherhood exiles like the Egyptian preacher Yusuf al-Qaradawi and Hamas leader Khaled Mashal; and a platform for populist and electoral Sunni Islamist views in the regional satellite channels of the Al Jazeera network” (GAUSE III, 2017, p. 10).

Saudita e os Emirados Árabes Unidos apoiavam o regime militar e atual do presidente Abdel Fatah al-Sissi (YOUNG, 2017). Neste contexto, tem a questão da Guerra da Líbia, onde o Catar junto com a Turquia apoia o governo de Trípoli, que é mais tolerante com a irmandade muçulmana que a Câmara dos Representantes de Haftar. Emirados Árabes Unidos, Egito, Arábia Saudita, Jordânia apoiam o Haftar, em Tobruque (LYNCH, 2017).

No Egito e na Tunísia, coalizões apoiadas pelo Catar, inicialmente prevaleceram, pois a Irmandade Muçulmana venceu ambas as eleições no Egito, e Ennahda venceu na Tunísia. Mas o presidente do Egito, Mohamed Morsi foi derrubado em um golpe militar apoiado pela Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos, enquanto o governo Ennahda da Tunísia voluntariamente desceu do poder em favor da Arábia Saudita e Nidaa Tounes, apoiada pelos Emirados Árabes Unidos. Na Líbia e na Síria, o coalizões rivais despejaram dinheiro, armas e apoio da mídia em proxy war locais, para efeito enormemente destrutivo⁸ (LYNCH, 2017, p. 34, tradução nossa)

Os egípcios, os emiradenses e os sauditas enxergam a Irmandade Muçulmana como sua maior ameaça doméstica e, portanto, veem o Catar e a Turquia como aliados de seus inimigos domésticos. Somado à questão das boas relações do Catar com a Irmandade Muçulmana, o Catar é o único país do Conselho de Cooperação do Golfo que teve uma postura mais ponderada com o Irã. O Catar tem boas relações diplomáticas e comerciais com o Irã que sempre foi seu parceiro no comércio de petróleo e gás. Isto enfurece a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos, pois o maior inimigo das monarquias do Golfo e que faz frente ao jogo geopolítico saudita-emiradense, é o Irã, um dos maiores *players* da geopolítica do Oriente Médio. (ULRICHSEN, 2017). Da mesma forma, o canal de notícias em língua árabe do Catar, Al Jazeera, que já foi um farol de debate livre e aberto no mundo árabe - um pilar do *soft power* de sucesso - é cada vez mais visto como um órgão da política externa do Catar e da Irmandade Muçulmana. Em seu apogeu, a Al Jazeera foi o canal de

⁸ “In both Egypt and Tunisia, Qatari-backed coalitions initially prevailed, as the Muslim Brotherhood won both elections in Egypt and Ennahda won in Tunisia. But Egypt’s President Mohamed Morsi was overthrown in a military coup backed by Saudi Arabia and the UAE, while Tunisia’s Ennahda government voluntarily stepped down from power in favor of the Saudi and UAE-backed Nidaa Tounes. In Libya and Syria, the rival coalitions poured money, guns and media support into local proxies, to enormously destructive effect” (LYNCH, 2017, p. 34)

notícias regional mais assistido do mundo árabe. O canal sofreu críticas e pressões por criticar todos os governos e monarquias do Mundo Árabe (DORSEY, 2015). E é por isso que Egito, Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita insistem que o Catar feche a Al Jazeera.

Em 2013, o emir do Catar Hamad decide entregar o poder a seu filho Tamim em agosto. Para os dois jovens sheiks, Salman da Arábia Saudita e Zayed dos Emirados Árabes Unidos, foi uma oportunidade para pressionar o jovem monarca al-Thani à alinhar-se com os interesses de ambos os países. Em um ambiente cada vez mais hostil à política externa do Catar, Tamim não tinha a experiência do pai e do tio para enfrentar os desafios. A Al Jazeera estava sofrendo com uma queda de telespectadores regionalmente pelos boicotes, e a política externa do Catar lutava cada vez mais na Líbia, na Síria e no Egito em face da pressão do Conselho de Cooperação do Golfo (STEPHENS, 2017).

A Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos (EAU) e o Bahrein interpuseram uma sanção ao Catar em março de 2014, e as relações permaneceram interrompidas por nove meses. Arábia Saudita e o EAU fecharam ligações aéreas, terrestres e marítimas com o Catar e ordenaram que seus próprios nacionais deixassem o Catar e ordenaram que os catarianos deixassem seus países também. Outrossim, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e o Bahrein, retiraram seus embaixadores de Doha. A Turquia e o Irã começaram a enviar comida por via aérea e marítima. Em 2017, Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos, o Bahrein, o Egito e o Iêmen – com o apoio do Trump - cortaram todos os laços diplomáticos e econômicos com o Catar. A diferença para esta sanção econômica de 2014 para a ocorrida de 2017, se dá pelos envolvimento de outros países. “O boicote ao Catar também serve como uma mensagem aos líderes do Kuwait e de Omã, dois membros do CCG que não estão boicotando o Catar” (LUCAS, 2017, p. 32, tradução nossa)⁹.

O bloqueio ao Catar impediu aeronaves da Qatar Airways a sobrevoar o espaço aéreo emiradense, saudita e egípcio. No jogo da Liga dos Campeões da Ásia, Al Gharafa do Catar contra o Al Jazira dos Emirados Árabes Unidos sofreu com a turbulência das relações entre

⁹ “The Qatar boycott also serves as a message to leaders of Kuwait and Oman, two GCC members that are not boycotting Qatar” (LUCAS, 2017, p. 32).

os países. Primeiro, o relato das humilhações sofridas pelos jogadores do Al Gharafa do aeroporto até o hotel, inclusive, com revistas antes dos treinos e do jogo. Os jogadores do Al Jazira deram a braçadeira para o meia marroquino, Mbark Boussoufa, devido à intenção e ordem de que qualquer emiradense estava proibido de cumprimentar um catariano. O Al Jazira venceu por 3 a 2, com o brasileiro Romarinho fazendo um dos gols.¹⁰

Embora a crise atual entre o Catar e os países do Conselho de Cooperação do Golfo seja implicitamente impulsionada pela política externa independente do Catar, a Copa do Mundo, é mais um fator significativo no bloqueio econômico que foi colocado no Catar. Quando a notícia do bloqueio ao Catar veio à tona em junho, a FIFA, órgão que governa o futebol mundial, tentou garantir aos seus patrocinadores que a Copa do Mundo ocorreria como programado (WEINBERG, 2017). Na próxima parte do artigo, analisaremos o conceito de *soft power* e como o futebol é utilizado pelo Carta, os países do Golfo, como o Catar.

2. Soft Power, a Copa de 2022 e suas polêmicas.

O termo *soft power*, surgiu na década de 1990 através do cientista político Joseph Nye (2006), e ele envolve o poder de atrair e cooptar um país, a fim de garantir o resultado desejado. Voltando no tempo, podemos perceber através da história, que o *soft power* pode ser alcançado através da cultura, arte, atos de caridade (ajudas humanitárias), e sobretudo através do esporte. O esporte pode ser considerado uma prática tanto inclusiva quanto competitiva e pode facilitar o diálogo e a compreensão entre as nações, influenciando e promovendo relações diplomáticas. A magnitude do futebol pode ser traduzida pelas realizações esportivas de insigne importância para a história constitutiva dos Estados e por sua aplicação, conceitual e prática, como novo tema, ao contexto das Relações Internacionais (VASCONCELLOS, 2011).

¹⁰ <https://trivela.com.br/como-disputa-entre-catar-e-seus-vizinhos-arabes-chegou-ao-futebol/> - Acessado em 29 de outubro de 2020.

O poder do futebol como ferramenta diplomática é perceptível. “Muitos países recentemente aumentaram fortemente seus gastos com o setor de esportes de elite, e o número de países candidatos a megaeventos esportivos também aumentou significativamente” (REICH, 2014, p. 2, tradução nossa).¹¹ Internamente, esses eventos são uma forte fonte de construção do orgulho e da identidade nacional, são muito populares entre as massas, fornecem um incentivo para estimular o crescimento da infraestrutura e permitem que a classe política se cubra de glória refletida e acrescente aos seus legados. Isso se aplica a países altamente divididos como Líbano, Iraque e, particularmente, a novas nações que surgiram após o colapso da União Soviética e da Iugoslávia, como Croácia e Sérvia, por exemplo. É a história de iraquianos de todas as linhas políticas, étnicas e religiosas nas ruas de Bagdá em 2007, depois que seu país ganhou a Copa da Ásia, dando uma trégua de anos de lutas internas sectárias. (REICHE, 2014).

Por milênios, o esporte foi usado pelos estados para “mostrar” sua superioridade em relação aos rivais e, a partir do século 20, isso passou a incluir eventos esportivos, especialmente as Olimpíadas e a Copa do Mundo da FIFA. Receber um desses espetáculos esportivos traz imenso reconhecimento e prestígio internacional e nacional, além de proporcionar oportunidades econômicas, políticas, comunitárias e diplomáticas. Na Primavera Árabe, os ultras egípcios de Al Ahly e Zamalek se uniram com a sociedade civil para lutar contra o exército do Mubarak (KULITZ, 2014) e na Turquia houve o “*Istanbul Day*”. As torcidas dos três principais times turcos se uniram para protestar contra o governo do Erdogan. Houve em outra cidade também, na cidade de Esmirna, o “*Izmir Day*”, onde as torcidas dos principais times de Esmirna repetiram o feito de protestar contra o Erdogan (DORSEY, 2015).

O esporte e especificamente o futebol é uma forma legítima de ferramenta para expansão de influência. Ou até mesmo de ferramenta política ou de sentimento de união nacional, como expostos nos casos acima. No caso do Oriente Médio e mais especificamente, o foco da

¹¹ “Many countries have recently heavily increased their spending for the elite sport sector, and the number of bidding nations for mega sport events has also significantly increased” (REICH, 2014, p. 2).

utilização do futebol ou do esporte no geral, tange nas estratégias para melhorar a autoimagem dos governos do Golfo e fortalecer suas capacidades de serem um tipo de liderança e um forte *player* do jogo geopolítico na região. Altos investimentos em clubes de futebol, F1 e até mesmo golfe e beisebol. O investimento no futebol por esses governos aumentou acentuadamente, fortalecendo sua influência.

Por exemplo, o Manchester City foi adquirido pela família real de Abu Dabi. Este é um dos reinos dos Emirados Árabes Unidos e é o mais conhecido por ser a capital. Os Emirados Árabes Unidos são sete reinos pequenos que se uniram para forma um estado-nação maior. O particionador é a Etihad Airways, que é outra empresa da família de Abu Dabi, uma das maiores companhias aéreas dos Emirados Árabes Unidos e do Oriente Médio, junto com a Emirates Airways (HEENAN e THANI, 2016). A Etihad patrocina clubes como New York City Football Club, o próprio Manchester City, e o Melbourne City da Austrália. A Emirates Airways é de Dubai. A Emirates patrocina o Arsenal da Inglaterra, o Milan da Itália, o Real Madrid da Espanha, o Benfica de Portugal, o Olympiacos da Grécia e patrocina a Primeira Liga da Inglaterra.¹²

A Arábia Saudita há anos recebe amistosos internacionais de grandes seleções. O príncipe herdeiro Mohammed bin Salman lançou seus esforços há cinco anos para transformar a Arábia Saudita em uma potência do futebol, bem como uma influência maior nos esportes. No mínimo, a diplomacia esportiva saudita provou ser uma imagem espelhada das desafiadas políticas internas, regionais e externas da Arábia Saudita. Desde a Supercopa da Espanha, que reúne o campeão da La Liga e o campeão da Copa del Rey, está sendo realizada na Arábia Saudita e há um acordo da Federação Espanhola para realização do torneio até 2023. Há a tentativa do Mohammad bin Salman adquirir o Newcastle United para aumentar as influências e a contratação Turki al-Sheikh, uma importante figura do futebol saudita. Ex-presidente do clube de futebol Al Taawoun, sediado em Buraydah, uma cidade pouco hospitaleira e reduto dos ultras religiosos, conservadores e ex-guarda-costas do príncipe

¹² <https://www.emirates.com/english/about-us/our-communities/sponsorship/> - Acesso em: 30 de outubro de 2020.

herdeiro. Al-Sheikh tentou sem sucesso usar a candidatura do Marrocos para os direitos de hospedagem da Copa do Mundo de 2026 para forçar o estado norte-africano a apoiar o boicote ao Catar e procurou posicionar a Arábia Saudita na tentativa de combater a diplomacia esportiva do Catar (DORSEY, 2020).

Posto isso, a família al-Thani do Catar, usa uma estratégia internacional mais ampla do país por meio do esporte, um processo iniciado em 1995. Reside o desejo de distanciar a imagem do estado catariano de seus vizinhos mais hostis e, ao fazer isso, posicionar-se como um estado estável do Golfo (BRANNAGAN, GRIX e LEE, 2019). O Catar por exemplo, foi um dos únicos países árabes que já investiu abertamente em Israel com financiamento para um estádio de futebol na cidade Galileia, na cidade de Sakhnin, cidade do Bnei Sakhnin Football Club, o símbolo dos palestinos do futebol israelense, além do Maccabi Ahi Nazareth, sediado na cidade de Nazaré (DORSEY, 2015).

A estratégia final está relacionada ao desejo do estado de buscar e tirar proveito de várias oportunidades de investimento em esportes no exterior como parte das tentativas mais amplas da liderança do Catar de criar uma economia mais diversificada e, assim, se afastar da forte dependência do país na venda de petróleo em declínio reservas.

Uma forma de conseguir isso é através da aquisição de propriedades esportivas. O canal beIN é um dos maiores exemplos:

Além disso, também podemos apontar aqui para a subsidiária da Al Jazeera, a beIN Sports. Dirigido pelo presidente da QSI e do PSG, Nasser al-Khelaifi, desde sua fundação em 2003 (então conhecido como Al Jazeera Sport), o beIN tem procurado desafiar várias empresas de mídia estabelecidas na aquisição dos direitos de competições esportivas em todo o mundo; em 2010, o beIN competiu com o Canal Plus para garantir vários direitos de transmissão em toda a França de jogos ao vivo da Ligue 1, Ligue 2, UEFA Champions League, UEFA Europa League, a Copa da Inglaterra e La Liga; nos Estados Unidos, o beIN transmite futebol ao vivo das ligas inglesa, espanhola, francesa e italiana, além de cobrir jogos de qualificação da Copa do Mundo dos Estados Unidos; e em 2015 a beIN conquistou os direitos do Oriente Médio e do Norte da África para transmitir a Copa do Mundo de 2018 e Jogos Olímpicos de Inverno de 2022 e Jogos Olímpicos de Verão de 2020 e 2024 (BRANNAGAN, GRIX e LEE, 2019, p. 9, tradução nossa).¹³

¹³ “Additionally, we can also point here to the Al Jazeera subsidiary, beIN Sports. Run by QSI and PSG Chairman, Nasser al-Khelaifi, since its establishment in 2003 (then known as Al Jazeera Sport), beIN has sought to challenge multiple established media corporations in acquiring the rights to sports competitions all over the world; in 2010 beIN competed with Canal Plus to secure several rights to broadcast across France

O canal beIN foi proibido na Arábia Saudita como parte do boicote econômico e diplomático liderado pelos Emirados Árabes Unidos e Saudita ao Catar há mais de três anos. O canal foi proibido na Arábia Saudita como parte do boicote econômico e diplomático liderado pelos Emirados Árabes Unidos ao Catar. Outra polêmica que ronda o canal esportivo catariense, foi o surgimento da beoutQ, que estava pirateando os direitos de transmissão da beIN. A questão foi tão polêmica por ter apoio da Arábia Saudita, que foi levada para a OMC (DORSEY, 2020).

Outrossim, a *Qatar Sport Investment (QSI)* uma organização acionária da família al-Thani, está muito ativa no mundo dos esportes e realizando grandes aquisições. A QSI atua junto com a *Qatari Diar Real Estate Investment Company (QDREIC)*, outra ferramenta de *soft power* do Catar:

A estatal 'Qatari Diar', junto com a empresa privada do Reino Unido Delancey, adquiriu as principais ações da Vila Olímpica de Atletas de 2012, e o grupo financiado pelo estado 'Qatar Sports Investment' (QSI), obviamente, fez uma compra significativa no clube de futebol europeu, Paris Saint-Germain; e ajudar a garantir o acordo de patrocínio original de € 150 milhões com o FC Barcelona para a Fundação Qatar (agora Qatar Airways) - o primeiro patrocinador comercial da camisa do FC Barcelona. O Catar também sediou uma infinidade de torneios esportivos internacionais importantes, notadamente: o Torneio de Tênis Aberto do Catar, o Masters de Golfe Aberto do Catar, os Jogos Asiáticos de 2006 e o torneio de futebol da Copa Asiática de 2011. O Catar sediará a Copa do Mundo de Handebol de 2015 e, claro, as finais da Copa do Mundo de Futebol de 2022; raros fracassos no esporte global incluíram duas propostas fracassadas de Doha para sediar os Jogos Olímpicos de 2016 e 2020. Além disso, o Catar é palco de várias conferências esportivas internacionais importantes, como o Encontro anual de Todos os Líderes do Esporte de Doha (Doha GOALS) e o simpósio 'Protegendo o Esporte', organizado pelo Centro Internacional de Segurança Esportiva (ICSS), sediado no Catar. (BRANNAGAN e GIULIANOTTI, 2015, p. 707, tradução nossa)¹⁴

live games from Ligue 1, Ligue 2, UEFA Champions League, UEFA Europa League, the English FA Cup and La Liga; in the US, beIN airs live football from English, Spanish, French and Italian leagues, as well as covering U.S.A World Cup qualifying games; and in 2015 beIN won the Middle East and North African rights to broadcast the 2018 World Cup and 2022 Winter Olympic Games and the 2020 and 2024 Summer Olympic Games" (BRANNAGAN, GRIX e LEE, 2019, p. 9).

¹⁴ "The state-owned 'Qatari Diar', along with the UK private company, Delancey, has acquired major shares in the 2012 Olympic Athletes' Village, and the state-funded 'Qatar Sports Investment' group (QSI) has, of course, made a significant purchase in European football club, Paris Saint-Germain; and, help secure the original €150 million sponsorship deal with FC Barcelona for the Qatar Foundation (now Qatar Airways) – the first ever commercial sponsor of the FC Barcelona shirt. Qatar also has hosted a plethora of major international sporting tournaments, notably: the Qatar Open Tennis Tournament, the Qatar Open Golf Masters, the 2006 Asian Games, and the 2011 Asian Cup football tournament. Qatar will host the 2015

Como já citado, mas há o patrocínio da camisa do FC Barcelona, primeiro pela Fundação Qatar e depois pela Qatar Airways. O QSI quebrou vários recordes da Ligue 1 da França e de transferências mundiais, investiu milhões na aquisição de alguns dos mais renomados talentos do futebol mundial, o mais notável deles é o atacante brasileiro, Neymar, que quebrou todas as somas de transferências anteriores ao ser anunciado pelo FC Barcelona em 2017 por £ 200 milhões (BRANNAGAN, GRIX e LEE, 2019).

O mais significativo aqui é o acordo de patrocínio recentemente anunciado entre o PSG e a Autoridade de Turismo do Catar - um acordo que vai garantir que o PSG ganhe até € 200 milhões por ano durante um total de quatro anos. A Al Jazeera e o beIN garantiu os direitos de transmissão doméstica da Ligue 1 francesa (BRANNAGAN e GIULIANOTTI, 2014).

Há outros investimentos realizados pela família al-Thani em tecnologia desportiva e não-desportiva, projetos, estudos, conferências de futebol, golfe e outros esportes que originaram uma exposição mais densa deste artigo. Como foge um pouco ao foco, é nítido que o esporte forneceu indiscutivelmente o campo de atividade mais proeminente para o envolvimento global do Catar.

O futebol é o esporte favorito do Catar (e dos Al-Thani). “A Visão do Catar para 2030”, como visto, anteriormente tem o esporte como um pilar fundamental do desenvolvimento e crescimento estratégico do país. Nem as Olimpíadas nem a Copa do Mundo foram realizadas no mundo árabe. Para o Catar se tornar o primeiro, aumentaria seu perfil e sua influência no Oriente Médio. Mas uma coisa é dizer que você quer sediar a Copa do Mundo, outra é realmente sediá-la. Como o Catar conseguiu? O Catar colocou a realização da Copa do Mundo no topo de sua lista de objetivos de política externa - tão vitais para o interesse nacional - e tratou-a de acordo, alocando tempo, recursos, pessoal e dinheiro

Handball World Cup, and of course the 2022 football World Cup finals; rare failures in global sport have included two failed bids by Doha to host the 2016 and 2020 Olympic Games. In addition, Qatar stages several major international sports conferences, such as the annual Doha Gathering Of All Leaders in Sport (Doha GOALS), and the ‘Securing Sport’ symposium that is convened by the Qatar-based International Centre for Sport Security (ICSS).” (BRANNAGAN e GIULIANOTTI, 2015, p. 707).

apropriados. Todas as várias armas e órgãos do governo foram alistados enquanto o Catar usava toda sua influência diplomática para atingir seu objetivo. As primeiras licitações foram elaboradas para dar aos catarianos uma certa experiência em como fazer uma oferta bem-sucedida e condicionar as entidades esportivas internacionais a acreditarem que o Catar é uma opção viável para sediar eventos (DORSEY, 2015).

Mohammed Bin Hammam, o então presidente da Confederação Asiática de Futebol e ex-vice-presidente da FIFA, ajudou o Catar e de acordo com a mídia australiana, fez forte lobby em nome de seu país. Hammam é catariano. Há denúncias de supostamente pagar € 3 milhões em subornos a vários grupos na África, América Central, América do Sul e Oceania. O Catar também pagou pelo apoio público de identidades famosas do futebol, incluindo Zinedine Zidane, Alex Ferguson, Ronald de Boer e Pep Guardiola, e concordou em trocar votos com Espanha e Portugal, que haviam apresentado uma proposta conjunta para a Copa do Mundo de 2018. Na Europa, o Catar além do acordo de patrocínio com o Barcelona FC ao longo de cinco anos e canalizou quase € 500 milhões para o clube favorito do então presidente francês Nicolas Sarkozy, o Paris Saint Germain. Para garantir o voto alemão, o Catar teria prometido ao então presidente Christian Wulff dar preferência aos licitantes alemães na concessão de contratos de infraestrutura para a Copa do Mundo. Além disso, a emissora financiada pelo estado, Al-Jazeera, comprou os direitos de transmissão para várias competições europeias de futebol e o Catar anunciou que começaria a testar caças franceses com o objetivo de comprá-los como parte do fortalecimento da força aérea (BOSNJAK, 2016).

O Catar também financiou o programa “*Football Dreams*” da Aspire Academy, que busca e treina jovens talentosos das nações mais pobres do mundo - incluindo nações com representantes nos comitês da FIFA.

Com a FIFA cedendo o direito ao Catar de sediar a Copa do Mundo de 2022, muitos questionamentos foram levantados. Contudo, as críticas direcionadas ao Catar continuam pertinentes. A Copa do mundo do Catar será realizada em junho e julho e nesta temporada o calor está insuportável, em torno de 50 graus. No verão, segundo James Dorsey (2015) até

as praias ficam vazias porque faz muito calor. No verão o campeonato do Catar é interrompido durante 2 meses por causa do sol. Outro problema é o consumo de álcool. É impossível consumir bebida alcoólica em locais públicos, apenas em hotéis de luxo e outros locais licenciados. Beber em público no Catar é crime (DORSEY, 2015).

O problema envolvendo a utilização de escravos para construção dos Estádios que irão sediar a Copa do Mundo de 2022:

Transmitido para o mundo por meio de uma série de investigações em 2013 e 2014 pelo jornal britânico The Guardian, foi revelado quantos trabalhadores da construção civil do sul da Ásia do Catar - a maioria dos quais vem de algumas das partes mais pobres da Índia, Sri Lanka, Nepal e Paquistão - enfrentaram casos diários de exploração, abuso, falta de pagamento, pouco acesso a alimentos e água potável gratuita e apreensão de passaportes, o que equivale a formas de 'escravidão moderna', e uma ilustração clara de 'um dos nações mais ricas explorando um dos mais pobres para se preparar para o torneio esportivo mais popular do mundo (BRANNAGAN, GRIX e LEE, 2019, p. 10, tradução nossa).¹⁵

Outra problemática levantada por toda a comunidade internacional é o tratamento aos à comunidade LGBTQIA+, pois o Catar é um país que reprime a homossexualidade. Em novembro de 2019, em uma matéria no Al Jazeera, o presidente-executivo do Liverpool disse que o clube inglês de futebol recebeu garantias das autoridades do Catar de que seus torcedores homossexuais serão bem-vindos no Catar para a Copa do Mundo. Moore conversou com as autoridades catarianas na semifinal do Mundial de Clubes em 18 de dezembro em Doha. Nasser al-Khater, presidente-executivo do comitê organizador da Copa do Mundo de 2022 do Catar, havia dito anteriormente que fãs de todas as orientações de gênero seriam bem-vindos no país, que é regido por códigos legais de base islâmica. Autoridades do Catar se reuniram com grupos de apoiadores de Liverpool - incluindo o grupo LGBTQIA+ “Kop Outs!” - para discutir suas preocupações sobre a participação no torneio que acontece de 11 a 21 de dezembro.¹⁶

¹⁵ “Broadcast to the world through a series of investigations in 2013 and 2014 by British newspaper, The Guardian, it was revealed how many of Qatar’s South Asian construction workers - the majority of whom hail from some of the poorest parts of India, Sri Lanka, Nepal and Pakistan - faced daily cases of exploitation, abuse, lack of pay, little access to food and free drinking water, and the seizing of passports, equating to forms of ‘modern-day slavery’, and a clear illustration of ‘one of the richest nations exploiting one of the poorest to get ready for the world’s most popular sporting tournament’” (BRANNAGAN, GRIX e LEE, 2019, p. 10).

¹⁶ <https://www.aljazeera.com/sports/2019/11/4/liverpool-assured-lgbt-fans-welcome-at-club-world-cup-in-qatar> - Acessado em 02 de novembro de 2020.

Conclusão

O Catar investiu pesadamente em uma estratégia de *soft power*, cujos pilares incluem esportes e política externa do bom moço, bem como a formação de alianças estratégicas que foram projetadas para aumentar sua reputação global e melhorar sua autoimagem, voltado para o futuro e a modernidade da comunidade internacional. A candidatura bem-sucedida para sediar a Copa do Mundo de 2022 está envolvida em polêmica. Ganhar *soft power* não é o resultado de medidas de curto prazo, como tornar-se o anfitrião de um megaevento esportivo específico. No entanto, a Copa do Mundo da FIFA e outros eventos esportivos internacionais podem ser elementos necessários - mas não suficientes - na construção de relacionamentos de longo prazo com outros países. Construir relacionamentos de longo prazo depende de várias medidas também em outras áreas, como cultura, educação, economia e política.

Os principais obstáculos para o desenvolvimento do setor de esportes de base no Catar são as barreiras culturais, principalmente quando se trata da baixa taxa de participação feminina no esporte. Sobre as críticas, o Catar não teria apenas que corresponder às suas promessas e palavras em primeiro lugar sobre as questões trabalhistas relacionadas à Copa do Mundo com ações, mas também desenvolver uma estratégia de comunicação para conter as críticas legítimas e seus múltiplos fatores de distração que estão dispostos a ir a um longo caminho para minar sua credibilidade. Infelizmente, o Catar mostrou pouca inclinação para fazer isso.

O impasse atual entre o Catar e o CCG é uma batalha por influência entre os catarianos e o bloco saudita-emiradense. O Catar vê as sanções interpostas pelos sauditas e pelos Emirados como um meio de degradar sua independência, diminuir sua autonomia, violar sua soberania e destruir sua marca. Os sauditas, liderados pelo jovem príncipe herdeiro Mohammed Bin Salman, embarcaram em uma postura regional agressiva para exercer sua própria hegemonia por meio do CCG para conter a crescente influência iraniana. A Copa do Mundo de 2022 é o culminar da “Marca Catar” ou a “Visão do Catar de 2030”. Enquanto os

sauditas e os emiradenses continuam exigindo que o Catar pare de apoiar o "terrorismo internacional" em decorrência de sua amizade com a Irmandade Muçulmana e o Irã, e que cesse as transmissões da Al-Jazeera, o conflito não será resolvido até que haja um acordo sobre qual será o papel do Catar no Golfo Pérsico. Para Doha, isso significa operar de forma independente fora da órbita de Riade.

A Copa do Mundo dificilmente ajudaria a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos a salvarem sua face, já que a cisão foi projetada para forçar o Catar a se submeter aos ditames dos dois estados. Nem resolveria ou conteria o que o príncipe herdeiro dos Emirados Árabes Unidos, Mohammed bin Zayed, vê como uma ameaça existencial: o apoio do Catar ao Islã político, sua aliança com a Turquia e a existência da Al Jazeera como uma rede de televisão independente. O curinga do bloco pode ser a eleição presidencial dos EUA no final deste ano de 2020. Como presidente, Joe Biden provavelmente será menos protetor e mais crítico do príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman, bem como das intervenções militares do príncipe dos Emirados Árabes e do governo politicamente repressivo em casa.

Bibliografia

<https://www.aljazeera.com/sports/2019/11/4/liverpool-assured-lgbt-fans-welcome-at-club-world-cup-in-qatar>. - Acessado em 02 de novembro de 2020.

<https://trivela.com.br/como-disputa-entre-catar-e-seus-vizinhos-arabes-chegou-ao-futebol/> - Acessado em 29 de outubro de 2020.

BRANNAGAN, Paul Michael; GRIX, Jonathan e LEE, Dona. Qatar's Global Sports Strategy: Soft Power and the 2022 World Cup. In: BRANNAGAN, Paul Michael; GRIX, Jonathan e LEE, Dona. **Entering the Global Arena: emerging states, soft power strategies and sports mega-events**. Palgrave Pivot: Singapore, 2019, p. 97-110.

BRANNAGAN, Paul Michael e GIULIANOTTI, Richard. Soft power and soft disempowerment: Qatar, global sport and football's 2022 World Cup finals. **Leisure Studies**, 2015, Vol. 34, No. 6, 703-719.

BRANNAGAN, Paul Michael e GIULIANOTTI, Richard. Qatar, Global Sport, and the 2022 FIFA World Cup. In: Grix, Jonathan (ed.), **Leveraging Legacies from Sports Mega-Events**, Basingstoke: Palgrave, 2014, p. 154 - 165.

BOSNJAK, Stjepan. **Football Diplomacy: How Qatar won the 2022 World Cup**. Australian Outlook, Vitória, 1, fevereiro, 2016. Disponível em: <https://www.internationalaffairs.org.au/australianoutlook/football-diplomacy-how-qatar-won-the-2022-world-cup-hosting-rights/>. Acessado em: 30 de outubro de 2020.

DIWAN, Kristin Smith. The future of the Muslim Brotherhood in the Gulf. In: LYNCH, Marc and DAHLE, Stephanie (Orgs.). *The Qatar Crisis*. Washington D. C.: Middle East Political Science - POMEPS Briefings, 2017, p. 60-62. Disponível em: <https://pomeps.org/2017/10/12/the-qatar-crisis-pomeps-brief-31/> - Acesso em: 01 de novembro de 2020.

DORSEY, James. **Saudi sports diplomacy: A train barrelling towards an abyss**. 04, agosto, 2020. Disponível em: <https://mideastsoccer.blogspot.com/2020/08/saudi-sports-diplomacy-train-barrelling.html>. Acesso em: 31 de outubro de 2020.

DORSEY, James. How Qatar is Its Own Worst Enemy. **The International Journal of the History of Sport**, 2015, Vol. 32, No. 3, 422–439.

GAUSE III, F. Gregory. What the Qatar crisis shows about the Middle East. In: LYNCH, Marc and DAHLE, Stephanie (Orgs.). **The Qatar Crisis**. Washington D. C.: Middle East Political Science - POMEPS Briefings, 2017, p. 10-11. Disponível em: <https://pomeps.org/2017/10/12/the-qatar-crisis-pomeps-brief-31/> - Acesso em: 01 de novembro de 2020.

KULITZ, Layssa Bauer Von. “Todos os Policiais são Bastardos”: reflexões sobre o futebol e a Revolução Egípcia. *Revista Habitus: Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 129-139, dezembro. 2014. Semestral. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/habitus/article/view/11443/8393>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

LUCAS, Russel E. How a few young leaders are shaking up foreign policy in the Gulf Cooperation Council. In: LYNCH, Marc and DAHLE, Stephanie (Orgs.). **The Qatar Crisis**. Washington D. C.: Middle East Political Science - POMEPS Briefings, 2017, p. 31-32.

Disponível em: <https://pomeps.org/2017/10/12/the-qatar-crisis-pomeps-brief-31/> - Acesso em: 01 de novembro de 2020.

LYNCH, Marc (Ed.). How Trump's alignment with Saudi Arabia and the UAE is inflaming the Middle East. In: LYNCH, Marc and DAHLE, Stephanie (Orgs.). **The Qatar Crisis**. Washington D. C.: Middle East Political Science - POMEPS Briefings, 2017, p. 33-35. Disponível em: <https://pomeps.org/2017/10/12/the-qatar-crisis-pomeps-brief-31/> - Acesso em: 01 de novembro de 2020.

PIZARRO, Juliano Oliveira. FIFA e o Soft Power do Futebol nas Relações Internacionais. **Record**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 1-19, jul./dez. 2017

REICHE, Danyel. Investing in sporting success as a domestic and foreign policy tool: the case of Qatar. **International Journal of Sport Policy and Politics**, 2014, Vol. 7, No. 4, 489-504.

STEPHENS, Michael. Why key Arab countries have cut ties with Qatar — and what Trump had to do with it. In: LYNCH, Marc and DAHLE, Stephanie (Orgs.). **The Qatar Crisis**. Washington D. C.: Middle East Political Science - POMEPS Briefings, 2017, p. 12-13. Disponível em: <https://pomeps.org/2017/10/12/the-qatar-crisis-pomeps-brief-31/> - Acesso em: 01 de novembro de 2020.

THANI, Salma e HEENAN, Tom. The UAE, Qatar and the re-shaping of global football's boundaries. In: HARVEY, Andy e KIMBALL, Richard (Orgs.). **Sport, Identity and Community**. 1ª ed, p. 89-101. Oxford: Inter-Disciplinary Press.

ULRICHSEN, Kristian Coates. What's going on with Qatar?. In: LYNCH, Marc and DAHLE, Stephanie (Orgs.). **The Qatar Crisis**. Washington D. C.: Middle East Political Science - POMEPS Briefings, 2017, p. 6-7. Disponível em: <https://pomeps.org/2017/10/12/the-qatar-crisis-pomeps-brief-31/> - Acesso em: 01 de novembro de 2020.

VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. **Esporte, Poder e Relações Internacionais**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2011.

WEINBERG, Jesse. Qatar's Activist Foreign Policy and the 2022 World Cup. **Moshe Dayan Center (MDC) for Middle Eastern and African Studies**, Tel Aviv University, Vol. 7, No. 7 August 23, 2017.

YOUNG, Karen E. How Egypt wound up in the center of a Gulf Cooperation Council dispute on Qatar. In: LYNCH, Marc and DAHLE, Stephanie (Orgs.). **The Qatar Crisis**. Washington D. C.: Middle East Political Science - POMEPS Briefings, 2017, p. 18-19. Disponível em: <https://pomeps.org/2017/10/12/the-qatar-crisis-pomeps-brief-31/> - Acesso em: 01 de novembro de 2020.